

ELEMENTOS DE RETÓRICA NO *HORTO DO ESPOSO*: *FIGURAE*

Geraldo Augusto Fernandes ¹

RESUMO

A “Retórica Clássica” foi uma das heranças mais prezada na Idade Média, no medievo cristão. A *Bíblia* tornar-se-á o *leitmotiv* para a divulgação da palavra divina, sempre pleno de elementos retóricos para o bem comunicar-se com os fiéis. O autor anônimo do *Horto do Esposo* recheia sua obra de *exempla*, visando à redenção dos pecadores. Num discurso claro e objetivo, o Anônimo vale-se, além dos exemplos, de vários outros recursos retóricos para embelezar seu texto. A *ars praedicandi* ficará atenta às relações pregador / ouvinte, com as *sententiae*, as *figurae*, os adornos e florilégios para alcançar seu objetivo. Esta comunicação pretende fazer uma breve análise da obra do Anônimo, pontuando alguns desses recursos.

Palavras-chave: *Horto do Esposo*, Retórica, *Ars praedicandi*.

É notório que a Retórica se define particularmente como a arte de persuadir, de convencer. Mas esta arte há de ser feita com estilo, para que haja uma correta articulação dos argumentos no enalço de um estilo nobre e prestigioso, visto que se vale de recursos literários, como o uso preciso das figuras. Olivier Reboul cita que há argumentos que se integram no raciocínio lógico e os que se fundamentam no exemplo. Aristóteles já notava que o exemplo “é mais afetivo que o silogismo; o primeiro dirige-se de preferência ao grande público, enquanto o segundo visa a um auditório especializado, como um tribunal.” (REBOUL, 1998, p. XVII). Parece certo que esse afeto a que se refere Aristóteles se concretiza numa prosa convincente, eivada de figuras de palavras, de sentido, de pensamento, tal qual era o discurso sofista de Górgias, cuja composição era plena de erudição, ritmada e “tão bela quanto a poesia” (*Idem, ibidem*, p. 4).

O *Horto do Esposo* é obra anônima de um clérigo alcobacense, escrito entre 1383/1417, a pedido da irmã dele, talvez uma freira. A obra contém quatro livros, todos com prólogos e capítulos compostos de textos do gênero exemplar – os *exempla* – muito ao gosto da medievalidade. O *exemplum* faz parte da Retórica e caracteriza-se por narrativa/s curta/s eivada/s de moral e corresponde ao provérbio. É comum que os

¹ Professor doutor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Ceará - UFC, geraldoaugust@uol.com.br

exemplos fazem parte dos sermões, principalmente na Idade Média, e têm cunho didático-moral².

No entanto, vários outros gêneros aparecem no texto religioso do Anônimo. As narrativas englobam provérbios, milagres, orações e profecias, além dos exemplos. Este é o gênero apropriado à pregação edificante, tanto religiosa quanto moral, como afirma Ana Paiva Morais,

no complexo e problemático universo da literatura medieval, o *exemplum* aparece, pelo menos numa primeira aproximação, como o gênero que mereceu a mais desenvolvida e rigorosa definição, o que mais se prestou a uma profunda reflexão teórica e aquele em torno do qual se ergueu o mais consistente corpo de regras e preceitos (MORAIS, 2007, p. XIII).

Para justificar sua obra, o clérigo anônimo vale-se das *auctoritates*, tais como: Santo Isidoro; São Jerônimo; o profeta Baruc; Salomão e o escolástico Teófilo, Mestre Hugo, Santo Agostinho, (que diz que a alma é o meio entre Deus e as criaturas), São Paulo (que diz: “Eu nom faço o bem que quero, mas faço o mal que nom quero e a carne cobiiça contra o spiritu e o spiritu contra a carne” (HORTO, 2007, p. 83). Recorre ainda o Anônimo a Moisés que diz “em no Genesi: Fez Deus nacer da terra toda arvor fremosa para a vista e doce pera comer e a arvor da vida em meo do Paraíso” (*Idem, ibidem*), em resumo pelas dádivas que o homem havia recebido no Paraíso e nele desprezado tudo que Deus lhe deu. O Anônimo cita ainda outras autoridades – cristãs e pagãs, como Aristóteles e Platão, venerados pelo abade de Alcobaça. Ana Paiva Morais comenta sobre a componente racional que viabiliza o exemplo, isto é, as *auctoritates*:

Embora seja ineludível no *exemplum* antigo um valor probatório da *auctoritas* conferido pela remissão analógica para um tempo e uma palavra prévios à situação de enunciação, isto é, a localização da palavra modelar no passado, é a componente racional que vem consolidar a viabilidade do funcionamento do *exemplum* (*Idem, ibidem*, p. XVII).

Morais reporta ainda os dois tipos de exemplos distinguidos por Aristóteles: um que “se baseia no relato de eventos ocorridos no passado” (exemplo histórico) e aquele “que

² O padre Antônio Vieira, já não em contexto medieval, mas barroco, fez uso frequente dos exemplos em seus *Sermões*.

consiste em ficções inventadas para sustentar a argumentação” (exemplo ficcional) (*Idem, ibidem*). Na leitura do *Horto*, percebe-se que o autor se vale desses dois tipos para convencimento (da audiência e dos pregadores).

Entre os três gêneros do discurso propostos por Aristóteles, o epidítico é o que se enquadra na obra do Anônimo, não só pela louvação do Cristianismo e condenação dos infieis, mas pelo estilo de que faz uso; em usando a *amplificatio*, sabe o autor que os fatos narrados são conhecidos da audiência, e o orador dá-lhe valor mostrando sua nobreza e importância; registre-se que na Idade Média o epidítico será enriquecido com a pregação religiosa. (REBOUL, 1998, p.44; 45; 46; 47). De acordo com Maria do Amparo Tavares Maleval, o gênero “epidítico estabelece o elogio ou a censura do nobre ou do vil, fundado principalmente no tempo presente e tendo a amplificação como recurso maior.” (MALEVAL, 2008, p. 4).

O instrumento de que se vale o Anônimo é a *Bíblia Sagrada* denominada por ele de “Santas Escrituras”; é ela o *leitmotiv* que permeia a obra. Os textos sagrados, logo em seguida ao advento do Cristianismo, encontram na Retórica antiga os elementos de convencimento e de persuasão. Como diz Olivier Reboul, a Igreja em seu papel missionário não podia prescindir da retórica, muito menos do grego e do latim. Com ela, a Igreja armava-se contra os adversários. A própria *Bíblia* é retórica recheada de metáforas, alegorias, calembures, argumentações tanto quanto nos textos gregos e latinos. (REBOUL, 1998, p. 77). Conforme discorre Lênia Márcia Mongelli,

a eleição da Bíblia como o texto inesgotável de todos os conhecimentos e dos *exempla* – sanciona a reelaboração da cultura clássica feita pelos Padres da Igreja, que a filtrarão para as abadias e mosteiros da Idade Média. A Retórica agora visará a fornecer doutrinação e argumentos para a salvação dos cristãos. O “sábio”, ideal acalentado com pertinácia e coerência desde Platão, transformase, pela óptica de Santo Agostinho, naquele que resiste aos vícios, ‘porque nada podem contra a virtude da alma e da razão’. A sabedoria funde-se à religião e os sacerdotes são os novos doutores das *artes*, colocando o saber profano a serviço do esclarecimento dos mistérios bíblicos. (MONGELLI, 1999, p. 88-89)

Para pregar, o Anônimo vale-se das *artes praedicandi*, as quais têm por base a Retórica antiga. Mas surge uma questão que quase inviabilizaria a pregação, plena de elementos da cultura pagã, ainda persistente na cultura medieval: como exercitar essas

artes sem atentar às relações do pregador e do/s ouvinte/s? e do que se servir, além dos textos sagrados, uma vez que o paganismo foi abolido? É Márcia Mongelli que responde com perguntas retóricas:

Se as *sententiae*, os adornos, os florilégios desvirtuam o sentido das palavras, como usá-las assim para tratar das coisas de Deus? Como transmitir a mais bela e as mais verdadeiras das realidades despida da beleza dos ornamentos? Era preciso urgentemente cuidar da passagem do *verbum* ao *Verbum*, antes que se perdessem as almas dos novos cristãos, confundidas pela persistência das crenças pagãs.” (*Idem, ibidem*, p. 107-108).

E antes de analisar um texto do clérigo alcobacense, veja que Santo Agostinho ensina que o bom orador deve se pautar nos autores de livros sagrados e propõe três tipos de estilo para diferentes circunstâncias,

lembrando que podem ser misturados segundo as conveniências: o mais ‘baixo’, usado para instruir; o ‘elegante’, para definir, aplaudir e o ‘majestoso’, para a exortação. O intuito deve ser um só: levar ao ouvinte a Verdade Revelada; para isso, o pregador deve começar testemunhando com a santidade da própria vida (...) (*Idem, ibidem*, p. 110).

Vistas essas citações e as ponderações, tento esmiuçar, na sequência, o Capítulo XIV, do Livro III do *Horto*. A proposta é, de forma breve e precisa, elencar alguns elementos retóricos de que se valeu o Anônimo. Pode-se verificar que, para melhor atingir seus fiéis, o autor usa o tipo de estilo “baixo”, conveniente para instruir; mas como seu texto é rico em retórica, ele não deixa de, às vezes, mesclar o elegante e o majestoso. Esse tipo de estilo serve convenientemente ao *docere* (instruir); ao *movere* (para comover) e ao *delectare* (para agradar), uma vez que o anônimo segue à risca a prédica retórica. Ana Paiva Morais resume de forma precisa o uso desse tipo de estilo, apesar de discordar quanto ao uso dos outros tipos (o elegante e o majestoso) na obra do clérigo:

O objectivo da baixeza do estilo humilde é fazer com que as verdades contidas nas escrituras sejam acessíveis a todos. No entanto, as Escrituras não são simples; elas contêm mistérios e sentidos ocultos.

Porém, essas ideias herméticas não serão apresentadas num estilo elevado e inacessível que intimide os homens simples. Muito pelo contrário, todo aquele que não for de espírito leve poderá encontrar o caminho para o entendimento das coisas sagradas. O essencial não é chegar à compreensão dos conceitos, nem alcançar as coisas complexas na sua complexidade, nem dominar o nível intelectual; importa chegar à humildade pessoal através da humildade do estilo, o leitor deve fazer-se humilde na sua sabedoria, ou seja, a sabedoria que adquire terá por principal meta fazê-lo crescer em humildade. (MORAIS, 2007, p. XXX).

A função fática no *exordium* serve para tornar a audiência dócil, atenta e benevolente; com relação à *elocutio*, a redação própria do texto, marca-se o encontro com a literatura e a correção linguística; de acordo com Reboul, o orador deve escolher as palavras usuais, evitando arcaísmos e neologismos, usar as *figurae* desde que sejam claras, ao contrário das dos poetas; evitar a métrica poética; frases de ritmo flexível a serviço do sentido³. (REBOUL, 1998, p. 55; 62). A *elocutio*, enfim, percorre todo o discurso do capítulo em análise; irei elencando sempre que possível os artifícios retóricos usados pelo autor. Reproduzo primeiramente o exórdio, como aparece no texto:

A doutrina da Sancta Escripura é mui fremosa da fremosura da qual se maravilham todolos olhos. E nom é maravilha, ca ela é mais vermelha que o almafim antigo e mais alva que o leite e mais spargida que a augua e mais clara que a luz e de maior preço que o ouro, mais aposta que as plantas, mais radiosa que as strelas, mais splandecente que todalas pedras preciosas. A doutrina da Sancta Escripura é fremosa come o cristal, deleitosa assi como a rosa. E é feita assi como o fogo lomeoso e como o encenso de boo odor e como a oliveira fremosa em nos campos. E é mui nobre ca trauta de mui nobre materia. E por em tira faagueiramente todos pera si (HORTO, 2007, Livro III, Cap. XIV, p. 77).

³ Paulo Alexandre Pereira comenta o texto do Anônimo em relação ao estilo dos discursos: “Artífice de um discurso de discursos, o autor do *Horto* revela-se um hábil cerzidor verbal, que transcreve *sententiae*, glosa passos bíblicos ou patrísticos, encadeia *exempla* e extrai moralidades, com um apuro técnico que dificilmente se poderá deixar de aparentar ao requerido pela alocação homilética. Esta mescla de discursos, frequentemente assistida pelo apagamento dos índices que impõem a alteração de enunciador, simulam eficazmente um efeito de unidade totalizadora, ao promoverem a abolição das margens que dividem um texto comentado e texto-comentário” (*Horto*, 2007, p. LXIII).

O Anônimo faz uso dos recursos retóricos, como pregam os retores. Como se *doutrina* fosse um ser humano ou um ser inanimado vivo, ele a personifica logo de início para enfatizar a importância das Escrituras sobre o bom caráter do homem; o trecho apresenta, ainda, a *definitio*, com intenção de instruir sua audiência. Usa em seguida a *paronomásia* (antigo *mordobre* ou poliptoton) em *fremosa/fremosura* e também *maravilham* e *maravilha*, como mostra de grandeza dessas Escrituras e para tornar o texto poético; o predicativo *fremosa* vem novamente no meio do período ainda como propriedade da Santa Escritura; também como *amplificatio*, usa várias vezes o advérbio de intensidade *mais*, juntamente com a *enumeratio* polissindética com a preposição *e*. Como figura principal, vale-se o Anônimo do *símile* ou *comparatio*, claramente visível no uso da conjunção *como*, também em relação assindética e polissindética. A apresentação das Santas Escrituras feita pelo clérigo é mostra patente da alegoria.

Em seguida a ele, o autor começa a *narratio* usando três exemplos para confiabilidade e comoção dos leitores/ouvintes. Uma vez que é a exposição dos fatos, ela deve ter clareza, brevidade e credibilidade, o que é patente no texto do Anônimo. Começa o clérigo citando Platão, que diz “se o homem pudesse veer com os olhos corporaes a fremosura da sabedoria nom criada todos enduziria pera seu amor”. (*idem, ibidem*, p. 77). O trecho é pleno de enumeração polissindética, o que potencializa o ritmo discursivo pela repetição exaustiva da conjunção “e”. Ainda, para mais enaltecer “o livro da vida”, diz mestre Hugo:

este é o livro da vida, cuja nacença de sempre e o seu seer nom se pode corromper e o conhecimento dele é vida e a escriptura nom pode seer destruida e a vista dela mui desejavel aos homêes e a sua doutrina ligeira e a sua sciencia é doce. E tanto é exalçada a sciencia da Sancta Scriptura que dela é escripto per Jhesu, filho de Sirac, falando em pessoa da sabedoria” (*Idem, ibidem*, p. 77).

Logo, a própria sabedoria é personificada e o narrador diz que ela andou ao redor do céu, demonstrando o nascimento e o começo de todas as criaturas; nas profundezas do abismo, ensinando quem é o criador de todas as coisas; nas ondas do mar, ensinou que todas as criaturas advêm de Deus. A Santa Escritura convida a todos, os simples, os que lutam contra os pecados e aqueles que são perfeitos a guardarem as virtudes, porque

todos estão em estado de perfeição. Tendo em foco o papel e a importância da *Bíblia*, o autor vale-se da enumeração assindética, para mostrar a importância do texto sagrado; usa ainda como persuasão inúmeras comparações e metáforas. Em seguida, mostra o autor um exemplo tirado a uma das mais importantes autoridades religiosas, Santo Agostinho, aliás, citado em profusão em toda a obra.

Santo Agostinho aos trinta anos teria sido batizado por Santo Ambrósio, o qual cantava em forma de oração:

Te Deum laudamus. E Sancto Agostinho disse o segundo verso que diz: Te Deum confitemur. E assi o acabaram todo, cada ãu deles dizendo seu verso. E diz Sancto Agostinho em no livro das Confissões: Senhor Deus, tu chagaste o meu coração com a Tua caridade, assi como seeta. E eu tragia metidas pelo coração, assi como seetas, as Tuas palavras e os exemplos dos Teus servos que Tu fizeste claro de negros que eram e que fazeras vivos sêdo eles mortos. (*Idem, ibidem* p. 78).

A oração, até aqui, valeu-se do *símile*, representado pela locução *assi como*. É notório observar que a comparação é de suma importância para o pregador, que acredita tornar mais fácil ao fiel a analogia, algo que se faz quase automaticamente – a comparação mantém o ouvinte/leitor atento ao discurso. O *símile* é figura retórica por excelência, mudando o sentido real de uma palavra e tornando-a uma figuração. Hilário Franco Júnior comenta que o pensamento analógico prevalecia na Idade Média quando para boa parte da população cristã as conexões analógicas superavam as lógicas:

Evidentemente, pensamento analógico é aquele baseado em analogias, palavra de origem grega – *ana*, « por meio de », *legein*, « assemelhar » – que indica « proporção matemática » – identidade entre as relações que unem os termos de dois ou mais conjuntos – e « correspondência » – semelhança entre domínios heterogêneos possibilitada pela percepção de certa unidade entre eles. Analogia é isomorfismo que leva à transferência de propriedades de algo conhecido para outro menos conhecido, isto é, gera conhecimento conectado com outros, e não apenas cumulativo. Logo, o pensamento analógico é método extensivo que depende mais das propriedades sintáticas do conhecimento do que de seu conteúdo específico. Ele busca similitudes entre seres, coisas e fenômenos, todos conectados em uma totalidade que os ultrapassa e é comum a cada elemento. Tais pontos estruturais presentes em todo componente do universo decorrem de uma realização primordial, de uma unidade básica de tudo, escalonada por semelhanças dos termos análogos entre si e por referência deles ao termo primeiro, ao protótipo (FRANCO JR, 2008, p. 2).

A antítese é uma figura de construção também muito presente nos textos didático-religiosos; no trecho em destaque, é importante ver que “claros” está em contraposição a “negros” para dizer que as palavras de Deus tornaram Santo Agostinho, antes um pecador, merecedor da alcunha de santo. Essas palavras trouxeram a Agostinho temor e espanto, sendo elas tão contundentes que eram “seetas agudas e carvões acesos”. Aqui, provavelmente, o Anônimo faz referência ao Salmo 91:5: “Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia” (Salmo 91:5). De acordo com a *Infopédia, Dicionários Porto Editora*, a simbologia da flecha representa o

conhecimento superior, de abertura ao desconhecido, de penetração no alvo e de luz reveladora, mas também de intuição rápida, realização individual ou superior. É o instrumento utilizado pelo Cupido, ou Amor, para desencadear o estado de paixão, desejo e amor profano. A flecha pode ter dois tipos de simbologias, consoante se trate do instrumento em si ou do signo figurado. Enquanto instrumento, a flecha simboliza a penetração e a abertura, mas também o conhecimento e os raios de luz solar com propriedades fecundantes. Da mesma forma que a escada ou a árvore, a flecha é também um instrumento de comunicação entre o Céu e a Terra. Quando originário do céu, e assumindo a forma de raio de tempestade ou de luz e chuva, pode ser uma ação punitiva, mas também benéfica e fertilizante. Quando emitido a partir da terra, significa a ambição ou então a evolução espiritual. O movimento da flecha encerra em si uma projeção daquilo que pode ser e ainda não é, já que muitas vezes existe um alvo real ou imaginário. Neste caso, simboliza o suplantamento das condições normais e o ultrapassar das qualidades terrenas. (*INFOPÉDIA.PT*, online).

Parece-me evidente que a simbologia das “seetas” no texto anônimo tem a ver com a epifania que Santo Agostinho percebe pelos pecados que o faziam cego – das duas simbologias vistas na análise da *Infopédia*, aquelas que trazem a revelação a ele são muito pertinentes. Em seguida, Agostinho confessa ainda que chorou,

ouvindo os himnos e os cantares mui doces da Igreja! Ca aquelas vozes corriam em nas minhas orelhas fortemente. A tua verdade derretia-se em no meu coração. E as lágrimas corriam dos meus olhos. E era-me bem com elas e eu braadava com grande clamor e dizia: Oh, em paz em ele meesmo dormirei e folgarei. Tu, Senhor Deus, es esse meesmo que te nom mudas. Em ti é folgança e em ti folgarei, esquecido de todolos trabalhos (*Idem, ibidem*, p. 78).

Dizendo que as vozes corriam em suas orelhas, tem-se novamente a prosopopeia e a metáfora sobre a verdade de Deus que se derretia em seu coração. As orações no *Horto do Esposo* são ora referenciadas, ora reprodução da voz do crente, geralmente em agradecimento a uma graça recebida. É uma categoria textual, que, de acordo com Javier Roberto González, é um discurso, de que fazem parte os sermões e as cartas, cânones da oratória, que proliferaram durante a Idade Média e serviram de modelo a similares tratados sobre a arte da oração enquanto discurso (GONZÁLEZ, 2008, p. 29). Conforme diz Javier González,

la plegaria [oração] se reconoce (...) como una realidad connatural a todo pueblo religioso, como una inevitable instancia de interrelación entre Dios y sus criaturas humanas, como un movimiento comunicativo capital y máximo de éstas hacia Aquél (*Idem, ibidem*, p. 18).

A oração de Agostinho continua; diz ele que leu todos os salmos

e ardia porque fora ladrador amargoso e cego contra as letras doces com mel do ceo e lúmeosas com o teu lume, ó Jhesu Christo, meu ajudador, e estava espantado sobre estas Escripturas. Mui doce cousa foi facta a mim arrevatadamente, leixar a dulçura das minhas chufas. Era-me grande prazer de as leixar, sêdo ante temeroso de as perder. Ca tu, Senhor, que es verdadeira e mui alta dulçura, lançavas fora de mim as minhas chufas e entravas Tu em logo delas, que es mais doce que toda outra delectaçom, mas nom aos carnaes e pecadores, e es mais claro que a luz, es mais dentro em na alma que todo outro segredo. (*HORTO*, 2007, p. 78).

Esse trecho da oração mostra primeiramente um pecador arrependido. A ciência de estar sendo protegido pelo Senhor apresenta-se pela *captatio benevolentiae*: através dela o Anônimo apela pelas emoções de seu público leitor/ouvinte⁴. Segundo, para mostrar a

⁴ Ao se referir a *De Inventione* de Cícero, Maria do Amparo comenta: “A primeira [*De inventione*] atém-se aos ensinamentos dos livros I e II, que tratam da descoberta (*inventio*) do que é próprio à argumentação específica do tipo de discurso a ser elaborado; discorre sobre os gêneros de causas, os meios de *alcançar-se a benevolência do auditório no exórdio*, as formas de repreensão, as fontes de indignação e (outros) *meios de se alcançar o patético*, além de destacar, inicialmente, as vantagens e os inconvenientes da eloquência.” (MALEVAL, *op. cit.*, p. 6, grifos meus). Olivier Reboul define que “o patos é o conjunto de emoções, paixões e

docilidade de Deus, o santo vale-se da *definitio*, uma definição cheia de elementos dessa docilidade de Deus. Para mostrá-la, aponta o efeito sinestésico que tem a divindade para o pecador. O termo “doce” e seus derivados são constantes no trecho e marca bem a analogia entre Deus e o arrependido. Essas referências à docilidade divina revelam-se na metonímia de doces, doçura e derivados. Em todo o texto mostrado até aqui, notam-se também as *apóstrofes* próprias do gênero “oração” – Senhor Deus, Oh, Tu, Senhor Deus, ó Jhesu Christo... A figura de linguagem “sinestesia”, além de ter efeito poético, é usada também como elemento didático, de ensinamento, o que bem se relaciona aos textos sagrados em discussão. Ela intensifica os sentidos e torna o discurso mais próximo à concepção do ouvinte/leitor. O *exemplum* é finalizado pela repetição de uma assertiva de Mestre Hugo logo no início da narração: “Onde diz Jhesu, filho de Sirac: A Sabedoria do humildado exalçará a sua cabeça e fara-o seer em meetade dos mui grandes”. (*Idem, ibidem*).

Terminado o exemplo tirado a Santo Agostinho, o Anônimo discorre sobre o que disse São Jerônimo: “os sabedores do mundo desprezam as Sanctas Scripturas”, entendendo-se os “sabedores do mundo” como metonímia para os sábios. No trecho, aparece São Jerônimo que diz serem muito melhores as palavras do rústico que as do letrado, este que diz coisas falsas. E prossegue com novo exemplo:

Onde aconteceo ãa vez que os sanctos bispos faziam concelho geeral e ajuntamento em ãa cidade que chamam Niça. E estavom i muitos que rezoavam muitas cousas desputando per sciencia de logica pera se deleitarem os que i estavam. E ãu dos confessores leigos, que era simplez, falou contra os logicos e disse: Ouvide, vós outros: Jhesu Christo e os seus apostolos nom nos ensinaram arte de logica, nem no enganamento vão de palavras, mas derom-nos sciencia limpa e pura que guardassemos com boas obras. (*Idem, ibidem*, p. 78-79).

Todos os presentes maravilharam-se dos ditos do humilde e o louvaram; os bispos cultivadores da Lógica abandonaram suas razões quando “ouviram a razom da simplez verdade”. Pode-se observar neste novo exemplo a figura da antítese que opõe os sábios ao humilde. Nessa “disputa”, há de vencer aquele que está em consonância com os preceitos da Igreja, que exalta os pobres em detrimento dos ricos.

sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. Portanto, ele precisa de psicologia” (REBOUL, *op. cit.*, p. 48).

Finalmente, o autor alcobacense apresenta a *peroratio*. Constitui-se da terceira parte da argumentação a que se refere Olivier Reboul, onde ela está resumida e que não apresenta novos argumentos; é a recapitulação ou *anacefaleose* (REBOUL, 1998, p. 60). O clérigo usa duas *auctoritates* para corroborar seu objetivo no capítulo: a docilidade e o alimento das Santas Escrituras:

Onde diz Sancto Isidoro que aquel que é sabedor segundo o segle, é sandeu segundo Deus. E diz Sam Gregorio que, se as Sanctas Escrituras fossem em todo claras, seriam havudas por viis e meosprezadas. E quanto com maior trabalho acha o homem aquilo que demanda em nas Sanctas Escripturas tanto ha maior dulçura e maior refeição em aquilo que acha e entende com trabalho (HORTO, 2007, p. 79).

O padre ressalta, e aí aparece a contradição, que a exegese das Escrituras santas não é fácil. É preciso trabalhar o texto para se conseguir seu sumo, sua essência. Percebe-se que a circularidade deste Capítulo XIV centra-se na palavra “dulçura”, termo a que recorre para exaltar os textos sagrados. Na procura da credibilidade de seu discurso, usa a *inventio*, buscando os argumentos e outros meios para persuadir; percebe-se também a preocupação do orador com a *dispositio*, isto é, a ordenação dos argumentos, pois dela é que resultará o plano do discurso.

O *Horto do Esposo* é um manancial da escrita religiosa medieval plena de narrativas exemplares, reais ou ficcionais; para atingir seu objetivo de instruir os fiéis iletrados, o autor anônimo vale-se das *artes praedicandi* com o intuito de ganhar almas para Deus e promover instruções sobre moral e fé. Para alcançar este intuito, o pregador apoiou-se na cultura clássica, em que se desenvolvem estilos, argumentos, analogias e, principalmente, exemplos. O Anônimo, nisso, foi exímio: apresenta uma escrita concisa quanto às argumentações e também recheada de flores da Retórica a fim, repito, de angariar o coração dos fiéis, mas também de adornar seu discurso. Esse ornamento aparece nos artifícios retóricos que embelezam seus discursos, obedecendo fielmente aos preceitos da Retórica clássica. Para Paulo Alexandre Pereira, os *exempla* compilados na obra são do tipo sinedóquico, pois as narrativas condensam a manifestação de um ensinamento abstrato; contudo, a modalidade metafórica também se faz presente junto a outras formas literárias, tudo regulado “pelas constrictões da brevidade”, como a parábola, a fábula e a alegoria. Nelas, a conjunção comparativa *asi*

como, *assi como*, “desencadeia o raciocínio analógico” (HORTO, 2007, p. LXV). Para Pereira, ainda, “se pode perscrutar, no *Horto*, o advento da inovadora ordem mental renascentista (*Idem, ibidem*, p. LXXVI). A extensa obra do clérigo Anônimo demanda ainda novas leituras, dada a sua riqueza em todos os termos. Neste trabalho que aqui apresento procurei focar, ainda que timidamente, nos recursos retóricos de apenas um dos inúmeros capítulos do *Horto do Esposo*, esperando que se revele nele a riqueza da obra a que aludo.

REFERÊNCIAS

FRANCO JR, Hilário. Modelo e imagem. O pensamento analógico medieval. **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre** / BUCEMA [En ligne], Hors-série n° 2 | 2008, mis en ligne le 28 février 2009, consulté le 12 juin 2020. URL: <http://journals.openedition.org/cem/9152> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cem.9152>

GONZÁLEZ, Javier Roberto. **Plegaria y profecía**. Formas del discurso religioso en Gonzalo de Berceo. Buenos Aires: Circeto, 2008.

HORTO do Esposo. Ed. Irene Freire Nunes. Coord. Helder Godinho. Lisboa: Ed. Colibri, 2007.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Da Retórica. Da Retórica, *In: Série Estudos Medievais*. 1. Metodologias. [Org.] Gladis Massini-Cagliari *et alii*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2008, p. 4.) Disponível em <http://gtestudosmedievais.com.br/index.php/publicacoes/metodologias.html>. Acesso em: 19 set. 2021.

MONGELLI, Lênia Márcia. Retórica: a virtuosa elegância do bem dizer. *In: Trivium & quadrivium*. As artes liberais na Idade Média. Cotia: Íbis, 1999.

MORAIS, Ana Paiva. A exigência do sentido: modos de exemplaridade no *exemplum* medieval. *In Horto do Esposo*. Ed. Irene Freire Nunes. Coord. Helder Godinho. Lisboa: Ed. Colibri, 2007.

PEREIRA, Paulo Alexandre. Uma didáctica da salvação: o *exemplum* no Horto do Esposo. *In Horto do Esposo*. Ed. Irene Freire Nunes. Coord. Helder Godinho. Lisboa: Ed. Colibri, 2007.

PORTO EDITORA – *flecha (simbologia)* na **Infopédia** [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-09-23 19:57:57]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$flecha](https://www.infopedia.pt/$flecha) (simbologia)

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo Martins Fontes, 1998.